



A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Lorrane Estacio do Prado da Silva (UENF)

Ester Portugal da Silva Rocha (UENF)

Mayara Xavier Vito Pezarino (UENF)

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

Resumo – O ensino das novas concepções de linguagem reside na inserção das discussões e necessidade de implementação de novas abordagens de ensino, principalmente, o de Língua Portuguesa, doravante LP. Dessa forma, o ensino dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem é fundamental, pois o ensino por meio dos gêneros possibilita aos alunos a compreensão dos diferentes textos nas variáveis situações de comunicação que se apresentam enquanto objetos de estudo nas aulas de LP. Além disso, os gêneros textuais trabalham as competências cognitivas dos estudantes como uma abordagem de ensino mais eficaz nas práticas de leitura, produção textual e oralidade. Diante do estabelecido, as aulas de língua devem ser ancoradas ao trabalho com o texto, dissociando da noção de que o ensino de LP se pauta única e exclusivamente a nomenclaturas e estruturas gramaticais sem qualquer propósito intencional. Assim, objetiva-se, a partir desse contexto e pressupostos, destacar a importância dos gêneros textuais nas aulas de LP para contribuir na formação educacional dos alunos com intuito de despertar conhecimentos interdisciplinares da prática comunicativa, compreendendo, assim, as concepções de linguagem. Como fundamentação teórica para apresentar os conceitos de gêneros valeu-se dos seguintes autores: Mikhail Bakhtin (1997), Luiz Antônio Marcuschi (1983; 2005; 2008); Dolz e Schneuwly (2004), Koch (2009), dentre outros. No que diz respeito ao ensino de LP, utilizou-se: Irlandé Antunes (2010) e João

Wanderley Geraldi (1996). Metodologicamente, a pesquisa tem uma abordagem qualitativa de caráter exploratório. Como resultado, pode-se observar que o estudo realizado verificou o quanto os gêneros textuais são relevantes no processo de ensino-aprendizagem de Língua Materna (LM), possibilitando um ensino reflexivo e aperfeiçoando o desenvolvimento dos alunos quanto à leitura, produção textual, oralidade e interpretação textual. Destaca-se, então, a necessidade de abordar os gêneros textuais no ensino de língua para conceder aos discentes um ensino efetivo, reflexivo, produtivo, o qual possibilite transitar nas áreas interdisciplinares de ensino.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Língua Portuguesa. Ensino-Aprendizagem.

Introdução

As discussões acerca do ensino de Língua Portuguesa (LP) têm se perpetuado e tornado relevantes para todo o processo de ensino-aprendizagem. As aulas de língua devem partir da noção de aplicabilidade e flexibilidade da sua linguagem. Diante disso, o ensino isolado de nomenclaturas não condiz com toda a concepção da linguagem, a qual reside na inserção das novas abordagens de ensino. Por meio de toda análise histórica da composição dos gêneros textuais (GT), percebeu-se que muitos deles surgiram e ainda surgem conforme as necessidades das atividades socioculturais de uma sociedade diante dos avanços tecnológicos e inovações dos meios de comunicação.

Dessa forma, os GT têm as suas contribuições para o ensino da língua, visto que todos os usuários de uma língua moldam sua fala às formas dos gêneros, reconhecendo-os nos usos sociais. Assim, por meio dos gêneros, os quais possibilitam a comunicação verbal, toda manifestação linguística é constituída para a transmissão de comunicação, já que todo texto pode ser considerado pertencente a um determinado gênero com propósitos intencionais preestabelecidos.

Diversas são as formas as quais os GT se apresentam, seja pela maneira com que se aborda o uso da linguagem enquanto ação social; pelo enfrentamento das necessidades de mudar a perspectiva do enfoque da textualidade, ou até mesmo pela relevância que o domínio dos GT assume para melhor adequação do uso efetivo da linguagem e a maior visibilidade em tratar os fenômenos autênticos da língua. Com

isso, o ensino da LP na perspectiva dos GT propicia uma melhor formação dos alunos na compreensão das multiplicidades que os gêneros apresentam, auxiliando, assim, na estrutura dessa língua.

Entende-se que é necessário a relação dos GT com o ensino de LP, já que o trabalho por meio dos gêneros desenvolve nos discentes aspectos que os leva à produção do texto, colaborando para a formação de um leitor crítico. Leitor crítico no sentido de compreender as informações em diferentes situações de apresentação dos gêneros, saber interpretar textos em sua totalidade de conhecimento e objetos de estudo, multiplicando os valores sociais e linguísticos na ampliação da noção de GT para todo processo de escrita e oralidade.

Em consonância à compreensão de que é por meio dos textos que o ensino da LP deve ser realizado para funcionamento e empenho da língua e linguagem. Sobretudo, a Linguística Textual (LT), visa a mesma corrente ao se preocupar em construir uma gramática do texto, isto é, o texto passa a ser concebido em uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas, desassociando da ideia de que a LP consiste única e exclusivamente no ensino de gramática normativa. Dessa maneira, o texto passa a ser a materialização do objeto de análise e estudo, levando em consideração a comunicação.

Mas para que o ensino entre GT e LP ocorra de maneira efetiva e significativa para os alunos, é preciso que os professores construam estratégias de ensino com o intuito de conduzi-los ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e intelectuais, as quais são fundamentais para aprender e fazer o uso dos gêneros com proficiência. Desse modo, o trabalho pretende discutir a importância dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem da LP, uma vez que essa discussão é válida para o campo educacional e social dos discentes.

1. OS GÊNEROS TEXTUAIS: UMA BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante muitos anos, professores que lecionam na área da linguagem vêm levantando questões acerca do desenvolvimento linguístico/textual de seus alunos,

levando em consideração a expectativa que é gerada, principalmente no entorno do período que se passa o Ensino Fundamental (EF), onde espera-se que o discente já obtenha uma gama de conteúdo ao que se refere aos estudos no campo da LP.

Nessa perspectiva, grandes autores como Marcuschi (2005), Bakhtin (1997), entre outros, vêm desenvolvendo estudos sobre a eficácia de atrelar o ensino de LP aos GT. Isso porque, como afirmam os estudiosos, a contextualização do conteúdo passado à turma, relacionado aos GT, podem, de maneira significativa, potencializar o processo de aprendizagem. Afinal, Marcuschi (2005, p. 21) afirma que: “[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”.

Atrelado a essa ideologia, os GT surgiram a partir das necessidades e ações socioculturais da sociedade, sendo assim, estes geralmente situam e interagem diante da carência das práticas sociocomunicativas. Por consequência, podem acontecer as variações, que resultam em outros e novos gêneros, dependendo assim, do cenário e precisão de fala.

Para isso, pode-se ter como exemplo, o desenvolvimento tecnológico, onde seu enorme crescimento ao longo dos últimos anos fez surgir a demanda de novos GT por conta das relações comunicativas que acontecem no ambiente digital. Atualmente, nessa fase denominada cultura eletrônica, onde os aparelhos como celular, gravador, televisão têm estado presente em maior parte do tempo da sociedade, vem corroborando para uma explosão de novos gêneros e formas de comunicação, seja oral, seja escrita. Swales (1990, p. 58), ao falar sobre esse assunto, parte da ideia do próprio termo “gênero” e diz que:

[...] associado apenas ao contexto da literatura, passou a ser utilizado para referir-se a uma categoria particular de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias. [...] um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (*rationale*) para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo. (MARCUSCHI, 2005 p. 27)

Diante disso, Marcuschi (2005, p. 21) salienta a ideia de ser “impossível se comunicar verbalmente a não ser por alguém gênero”, como também “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por meio de um texto.” Por essa razão, a comunicação é totalmente envolta ao GT. Bakhtin (1997) ainda acrescenta ao dizer que eles são “relativamente estáveis”, pois tratam-se de meios sócio-históricos e culturais, como previamente citado, sendo quase impossível nomeá-los ou até mesmo caracterizá-los a uma estrutura rígida.

Por isso, quando compreende-se a ideia de GT, não é a partir de uma forma linguística estigmatizada, mas sim de uma maneira de tornar real linguisticamente os objetivos de fala/comunicação em determinadas situações sociais, pois “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 1999, p. 103).

Isso se dá, pois como fundamenta Marcuschi (2005), os GT não são entidades naturais como “borboletas, pedras ou rios”, mas são mecanismos culturais construídos através da história por meio do próprio indivíduo. A sociedade vivencia as mudanças, suas histórias e atualizações, e com isso, os GT vão se formulando de maneira naturalista.

[...] os gêneros são artefatos culturais historicamente construídos pelo homem. Eles apresentam diferentes caracterizações, com vocabulários específicos e empregos sintáticos apropriados, em conformidade com o papel social que exercem. (BRAIT, 2002, p. 6)

Por essa razão, Brait (2002), quando vai falar acerca do GT, fomenta que “ao estudar os gêneros, é preciso levar em consideração os diferentes aspectos que dizem respeito ao seu processo de produção, circulação e recepção”, pois estão totalmente ligados a quem produz a mensagem e o efeito que ela pretende gerar no interlocutor. Afinal, o GT é determinado de acordo com a interação comunicativa já preestabelecida entre o produtor e o receptor, para que aconteça de fato a comunicação.

Diante dos expostos, é partindo dessas primícias, que a educação, ao tratar dos aspectos da linguagem, tem batido na tecla sobre a necessidade em utilizar os GT nas práticas de ensino. Pois é válido que se eleja o texto e os GT de modo geral

sob uma ideia mais global de ação e circulação, como objeto de ensino e também de análise dos estudantes. Para, assim, potencializar ainda mais a definição do que é GT na realidade.

2. Os Gêneros Textuais: Uma Breve Fundamentação Teórica

As instituições escolares funcionam como ambientes sociais que promovem a interação social tal como a aquisição de conhecimento. As aulas de LP necessitam desenvolver nos alunos capacidades cognitivas em relação às atividades linguísticas, gramaticais e funcionais da língua. Assim, para que esse ensino ocorra de forma que construa os efeitos de ensino e aprendizagem desejados, parte do pressuposto de evidenciar a diversidade linguística trabalhando com os GT na sala de aula, de modo que a competência comunicativa do discente seja desenvolvida. Nesse sentido, Koch (2009, p. 53) alega que:

A competência sociocomunicativa dos falantes/ouvintes leva-os à detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais. [...] à diferenciação de determinados gêneros de textos, [...] Há o conhecimento, pelo menos intuitivo, de estratégias de construção e interpretação de um texto. [...] permite-lhe ainda, averiguar se em um texto predominam sequências de caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo.

Infere-se, assim, que para desenvolver a competência comunicativa dos alunos, o docente de LP deve oportunizar a aprendizagem por meio dos diversos textos que circulam no meio social, fator fundamental para um processo educacional eficiente, afinal, o ensino com os GT se configura como “[...] uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos seus educandos” (KOCH, 2009, p. 55). Ademais, o professor terá a sua disposição diversas formas de exercer o trabalho linguístico no âmbito escolar, uma vez que, “os gêneros apresentam grande heterogeneidade, incluindo desde o diálogo cotidiano à tese científica.” (KOCH, 2009, p. 54).

Trabalhar com a diversidade de GT existente condiz a um ensino reflexivo de língua, visto que, muitas vezes, as aulas de LP são restritas aos seguintes tipos

textuais: descrição, narração e dissertação. Nesse sentido, essas aulas ainda estão pautadas apenas à concepção da gramática normativa que acaba tornando as aulas de língua uma atividade mecânica, destituída de sentido. Surge, então, a necessidade do trabalho com os diversos gêneros de diferentes tipos, que conforme destaca Koch (2009, p. 58): “[...] toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem.”

Pode-se afirmar que a utilização dos GT no que diz respeito ao processo do desenvolvimento comunicativo propicia aos discentes um entendimento próprio da língua, o que, conseqüentemente, viabiliza uma participação ativa no contexto social por meio da criticidade adquirida após a leitura dos textos. Corroborando com essa asserção, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) asseguram o uso dos GT nas aulas de LP, uma vez que:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura (BRASIL, 1998, p. 21).

Conforme mencionado pelos PCN, o ensino de Língua Materna (LM) deve incentivar a reflexão quanto ao uso da língua, de modo que a capacidade cognitiva seja ampliada, ocasionando novas formas de leitura, interpretação e construção dos textos. Por isso, Silva et al. (2019, p. 1560) salientam que:

[...] os PCN têm o objetivo de trazer o contexto sociointeracionista da linguagem, em consonância com os aspectos linguísticos para o processo de ensino-aprendizagem, compreendendo, assim, que para se ter um ensino significativo é necessário considerar as diversidades que existem no meio social, de modo que a escola seja a principal fonte de informação quanto a conscientização das variedades linguísticas.

Conceber o ensino de língua nas orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais faz repensar e reorganizar as práticas das aulas de LP e o conceito de gramática. Vale destacar a fundamental importância de eleger o texto e os gêneros textuais como abordagem ampla e de ação sob uma perspectiva sociointeracionista

acerca da adequação da metodologia no processo de aprendizagem. Os documentos que regem a educação ratificam a ideia do ensino contextualizado. É preciso estar em constante discussão sobre o ensino de LP na perspectiva dos gêneros, para assim substituir os tradicionais exercícios de identificação e mera dominação das regras e nomenclaturas (via metalinguagem).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também orienta que o ensino de língua seja reflexivo, conectado à vivência do aluno, de modo que o corpo discente consiga produzir sentidos por meio dos conteúdos ensinados.

Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, [...] sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem [...] ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem (BRASIL, 2018, p. 71).

Percebe-se, portanto, que o ensino de LM deve ocorrer a partir dos GT, para que a aprendizagem do discente seja efetiva. Vale destacar que isso não induz o abandono ao ensino gramatical; nesse caso, ele precisa ser trabalhado em conjunto com a diversidade de GT, fator que provocará aulas mais produtivas, pois os gêneros funcionam “[...] como objeto e instrumento de trabalho para o desenvolvimento da linguagem” (SCHNEUWLY; DOLZ, 1999, p. 9).

Sendo assim, ao ministrar um ensino pautado pelos GT, o professor faz com que o educando seja “o legítimo “dono” de sua fala, ou seja, pode levar o aluno a ocupar, com maior consciência, os diferentes lugares a partir dos quais pode falar e escrever” (BENTES, 2011, p. 105). Essa perspectiva se conecta à educação proposta pela BNCC, já que as habilidades deste documento são desenvolvidas “[...] por meio da leitura de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana” (BRASIL, 2018, p. 75).

Diante disso, entende-se que o ensino de LM não deve acontecer de maneira estanque, sem dar prioridade aos diversos GT existentes. Ademais, é necessário considerar a bagagem linguística e/ou cultural que o aluno traz para o ambiente

educacional, ou seja, o ensino precisa partir do conhecimento que o discente já possui, a fim de se obter resultados significativos.

3. A Questão da Textualidade: O Texto Como Objeto de Ensino

A questão da textualidade parte do trabalho com o texto sendo objeto completo da análise para o ensino de língua. Para que o processo de ensino-aprendizagem por meio dos gêneros textuais ocorra na prática docente, é necessário, de antemão, compreender os conceitos de texto, principalmente como objeto de análise e ensino de LP. Para Marcuschi (2005, p. 19): “Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”, assim, torna-se inegável que a reflexão sobre o GT é tão necessária.

O conceito de texto não se distancia da regra e nem dos processos descritos pela LT, a qual concebe o texto como seu objeto precípuo de estudo. Em primeiro momento, é válido destacar as composições teóricas que fundamentam toda a estrutura de um texto, ou seja, a unidade linguística que fornece o sistema superior à frase com a sucessão da combinação delas de forma complexa carregadas por uma proposição semântica. De acordo com Antunes (2010, p. 59):

Qualquer análise, de qualquer segmento deve ser feita, sempre, em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito. O que significa admitir que, em qualquer análise, a questão maior é sempre a compreensão do que se diz e de como e para que se diz o que é dito.

Assim, o texto passa a fragmentar uma série de natureza pragmática com uma sequência de atos de fala e vertentes cognitivas no processo de comunicação. As estratégias textuais consistem nessa noção da seleção de palavras diferentes para compor as formas de organização dos elementos linguísticos no texto, partindo dos princípios de coesão, coerência e segmentos de conhecimentos e/ou práticas socioculturais partilhadas. Alinhando as ideias discutidas em consonância com Marcuschi (2008, p. 16), destaca-se que:

[...] apesar de nosso interesse em identificar os gêneros e classificá-los, parece impossível estabelecer taxonomias e classificações duradouras, a menos que nos entreguemos a um formalismo reducionista. Nossas identificações de formas genéricas sempre terão curta duração. As classificações são sempre recortes do objeto e não agrupamento naturais, por isso são sempre de base teórica.

Diante disso, as aulas de LP necessitam abordar o ensino ancorado no texto, pois o ensino dos GT, como um área fértil e interdisciplinar, busca desenvolver especialmente o funcionamento da língua. Observa-se muitas vezes que o texto é utilizado como pretexto nas aulas de LM, utiliza-se do texto para retirar frases e palavras isoladas, a fim de analisar apenas os aspectos gramaticais fora de todo o contexto semântico que aquele vocábulo foi escolhido. Dessa forma, os GT, quando discutidos e trabalhados nas aulas de língua, são concebidos como modelos estanques e estruturas rígidas.

Os professores, em específico os de LP, precisam se atentar às práticas pedagógicas e aos materiais didáticos utilizados na sala de aula, visto que a questão da textualidade está presente a todo instante na vida dos alunos. Com os avanços tecnológicos, o acesso à informação se apresenta de diferentes maneiras, por isso, caso não obtenha o preparo e a instrução das apresentações desses gêneros e dos textos em ambientes diversos, os discentes encontrarão dificuldades em compreender e assimilar todos os aspectos semânticos que o texto venha a oferecer. Sobre a semântica textual, Antunes (2010, p. 178) aponta que:

a seleção lexical de um texto concorre para o estabelecimento de sua coerência, para a definição de sua unidade semântica. [...] o léxico tem sua função significativa na estruturação do texto, na construção de seus sentidos, na definição de sua adequação às condições sociais de seus contextos de uso.

Um dos fatores que influenciam essa deficiência em relação às abordagens contextualizadas no ensino de LP é o mero trabalho com análises sintáticas nas aulas de gramática. Essa atividade privilegia o ensino com base em nomenclaturas, não sendo significativa a transmissão dos procedimentos textuais como leitura e produção de textos. Os discentes conseguem identificar as estruturas sintáticas no texto, mas quanto à sua interpretação e produção, encontram grandes dificuldades.

Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua; aquele que nunca refletiu sobre a linguagem pode decorar uma gramática, mas jamais compreenderá seu sentido (GERALDI, 1996, p. 64).

Por sua vez, quando o professor, juntamente com toda equipe pedagógica, reconhece o objetivo principal do ensino de língua que visa a formação de um usuário competente, ele consegue utilizar a língua como instrumento de ação e reflexão por meio das teorias do texto para a condução do aprendizado, essencialmente, no desenvolvimento da competência comunicativa. Dessa forma, a LT é uma área que busca tomar o texto como unidade de análise e progressos consideráveis na constituição de um corpo teórico, oferecendo às docentes orientações de como se trabalhar com os GT nas aulas de LP.

Procura-se, neste trabalho, levantar as questões da textualidade presentes no ensino tendo como objeto o texto e, com isso, ampliar a visão do conhecimento dos docentes de LP, mostrando a importância de trabalhar os GT nas aulas de língua sob a perspectiva da LT. Os trabalhos desse ramo linguístico têm considerado o “texto” como uma unidade completa e estruturada com elementos pragmáticos, conforme Marcuschi ratifica a ideia aqui discutida:

A Lingüística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente lingüístico abordado no aspecto da coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não-linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas (MARCUSCHI, 1983, p. 12-13).

A textualidade abordada nesta pesquisa, como fenômeno de objeto do texto nas aulas de LP, cria um conjunto de processo semântico ao transmitir mensagens com base na experiência comunicativa do interlocutor, envolvendo fatores concentrados na composição do texto (coesão e coerência) direcionados à intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade.

Várias são as coordenadas que podem ser trabalhadas com o texto sendo objeto de ensino nas aulas de língua; ele vai muito além das estruturas físicas, isto é, possibilita noções extracurriculares que expandem o conhecimento dos discentes.

Diante dos três níveis que compõem a textualidade, estabelecidos na relação do texto, destacam-se: o nível lógico-cognitivo, nível linguístico e nível contextual e/ou pragmático que envolve todas as particularidades no processo de construção de um texto juntamente à harmonização da linguagem. Para ratificar os pontos discutidos e reforçar a ideia de que o texto pode ser um objeto de ensino e análise, o trabalho deve começar dentro do contexto da sala de aula com o auxílio dos professores ao buscar o desvendamento dessa textualidade particular que envolve diversos elementos, os quais produzem sentidos e efeitos nos procedimentos que unificam o processo de ensino-aprendizagem.

[...] é devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas. Disso decorre um princípio que funda o conjunto de nosso enfoque: o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre, os gêneros, quer se queiram ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda a estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esse objeto de aprendizagem requer (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 51).

Sob a perspectiva da LT e a importância aos fatores e critérios de textualidade contidos na manifestação linguística, o estudo do texto como objeto de ensino na sua totalidade refere-se a uma sequência de estrutura dotada de sentido, com intenções definidas. Assim, conforme aponta Florêncio (2009, p. 25-26): “não há, pois, discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representa os lugares sociais que ocupa”. O texto é, portanto, a concretização máxima da língua.

O texto é a materialização, pois trata do processo de comunicação e significação, seja verbal, seja não verbal, como um ato de comunicação unificando a

complexidade do universo da linguagem e as ações humanas, contribuindo com um viés interdisciplinar que almeja fatores linguísticos, como o pragmático, semântico, lexical, gramatical, entre outros.

A questão da compreensão do texto e a sua textualidade deve ser trabalhada na totalidade como objeto de ensino. A textualidade abordada é discutida como uma categoria universal de competências amplas e contextuais repletas de intencionalidades por meio dos fatos da leitura e escrita, como recursos facilitadores na construção do texto. Na produção de um texto, as frases e palavras não funcionam isoladamente, uma vez que toda a seleção lexical estabelece uma conexão de sentido; quem escreve, escreve para ser lido, e a palavra escrita serve como um elo/laço entre quem fala e quem ouve, entre quem escreve e quem lê.

Com isso, a escrita textual considera as normas que regem a produção de um bom texto e, sobretudo, o entendimento do que é um texto e sua textualidade. Como alega Santos (2013, p. 56): “[...] sentido, necessitando para isso de uma situação discursiva, de interlocutores, das categorias de espaço e tempo e de um propósito claro e definido; e de elementos da linguagem, analisados em sua visão global, especificada pela análise vocabular e referencial”. Então, há toda uma construção intencional diante de cada texto.

CONCLUSÃO

Diante de todo o percurso e discussões aqui tecidas, conclui-se que o trabalho com os GT nas aulas de LP é importante para o processo de compreensão e interpretação do texto em sua totalidade de intencionalidade. Os GT têm papel fundamental na construção dos elementos comunicativos na sociedade e na transmissão do conhecimento. Com isso, os professores do ensino de língua precisam, nas suas práticas pedagógicas, proporcionar um ensino que relacione os meios de apresentação de cada gênero textual.

Nota-se a relevância de trabalhar o texto como objeto de análise e ensino, a fim de identificar a riqueza dos componentes linguísticos e morfológicos da sua textualidade, valorizando toda ação pragmática com uma sequência de atos de fala e vertentes cognitivas no processo de comunicação. Promover o ensino de LP diante

da perspectiva dos gêneros abarca toda a contextualidade que a educação deve proporcionar aos alunos.

Assim, essa abordagem educacional por meio dos GT renova as práticas e amplia os conhecimentos dos docentes em relação ao ensino de LP, podendo potencializá-lo sem basear-se exclusivamente em aspectos gramaticais isolados do contexto social dos alunos, já que os GT têm diversas contribuições para as atividades sociocomunicativas.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1997.

BENTES, Anna Christina. Gênero e Ensino: Algumas reflexões sobre a produção de materiais didáticos para a educação de jovens e adultos. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/Consed/Undime, 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRAIT, Beth. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem na sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Mercado Aberto, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 1999.

DOLZ Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do Discurso: fundamentos e prática.** Maceió: Edufal, 2009.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e ensino.** Campinas: Mercado das Letras, 1996.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Linguística de texto: o que é e como se faz.** Recife: UFPE, 1983.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **Os saberes construídos no processo da pesquisa.** Maceió: Edufal, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro. n. 11, p. 5-16, maio/ago. 1999.

SILVA, Camila Soreano da et al. Gêneros textuais e ensino de língua materna: reflexões sob uma perspectiva linguística. **Philologus**, Rio de Janeiro. 25, n. 75, p. 1552-1563, set./dez. 2019.

SWALES, John M. **Genre analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.